

# A Guerrilha do Araguaia e a influência da propaganda anticomunista na memória dos moradores do Bico do Papagaio

Wellington Sampaio da SILVA<sup>1</sup>

IFTO Campus Araguaína. Av. Amazonas, Qd. 56, Lt. 01. [sampaioelio@hotmail.com](mailto:sampaioelio@hotmail.com)

## RESUMO

O referente artigo constitui um fragmento de nossa dissertação de mestrado em História e tem o objetivo discutir a influência da propaganda anticomunista na memória dos moradores do Bico do Papagaio durante a Guerrilha do Araguaia. Percebemos que a imagem do comunista enquanto um “ser do mal”, “golpista”, “subversivo” e/ou “estrangeiro” foi uma das estratégias utilizadas pelos militares para colocar a população local contra os chamados paulistas.

**Palavras-chave:** Guerrilha do Araguaia. Memória. Bico do Papagaio.

## 1 INTRODUÇÃO

As imagens do comunismo e dos comunistas enquanto algo negativo foi construída ao longo da história do Brasil por diversos grupos, e foi destacado a partir de três matrizes: o catolicismo, o nacionalismo e o liberalismo. Com o golpe militar de 1964, essa prática ficou com as Forças Armadas e com os políticos civis que apoiavam o golpe. Dentro do contexto da Guerrilha do Araguaia (1966-1975), a imagem do comunista enquanto um “ser do mal” e “golpista” foi utilizada pelas Forças Armadas, com frequência, para colocar a população do Bico do Papagaio contra os militantes do PC do B. Essa prática pode ser observada no relato de vários moradores, isto é, a propaganda contra os comunistas.

É importante destacar que a referência ao comunismo e aos comunistas, aparece nas entrevistas, a partir do momento da chegada e permanência do Exército na região (abril de 1972 a janeiro de 1975). Até então, as leituras que a população dispõe acerca do comunismo e dos comunistas estão relacionadas com suas experiências de vida em outros locais e contextos. Já destacamos, ao longo deste trabalho, que a região do Bico do Papagaio é um local, nessa época, de constante migração e deslocamento populacional. Um dos fatores que contribuíram para essa prática, segundo os próprios moradores, foi a existência de terras devolutas e vários garimpos. Esses fatores, portanto, atraíram pessoas de vários locais do Brasil (Maranhão, Piauí, Pernambuco, Ceará, Minas Gerais, Bahia) em busca de uma possível melhoria de vida.

Os militares, sabendo das reais intenções dos guerrilheiros naquela região e que a população local dispunha de uma relação de amizade com os membros do PC do B, ao chegar na área, iniciou um trabalho de difamação dos paulistas, com o objetivo de afastar os moradores dos mesmos e também encontrá-los. Para isso, utilizou como uma das estratégias a propaganda anticomunista. A preocupação com o comunismo constituía algo muito constante para os militares. Segundo os mesmos, era um perigo bastante presente naquele contexto. Justificando essa preocupação dos militares, o coronel Carlos Alberto da Fontoura, em entrevista aos pesquisadores Gláucio Ary Dillon Soares e Maria Celina D'Araújo, afirmou: “Porque a nossa preocupação não era só o governo, era o país. E se as guerrilhas tivessem tomado conta, teríamos tido uma guerra tremenda nos quatro cantos do país. Porque em toda parte havia comunistas” (1994: 99).

É importante ressaltar que os militares, do Exército, Marinha ou Aeronáutica, não constituíam uma homogeneidade, havia diferentes grupos dentro dessas instituições. Um desses grupos ficou conhecido como “linha dura”, devido às suas posições consideradas mais reacionárias. Dentro dessa linha, a ideologia anticomunista tornou-se uma de suas preocupações centrais. O Brasil e o resto do mundo estavam divididos pela Guerra Fria, e era necessário saber enfrentar esse desafio. O coronel da Aeronáutica Deoclecio Lima de Siqueira, ao se referir ao pessoal da “linha dura” em relação ao comunismo, disse: “Hoje, tudo isso acabou. Mas naquela

---

<sup>1</sup> Mestre em História e professor do IFTO Campus Araguaína.

época havia a exaltação do problema da guerra fria, aquele anticomunismo exaltado” (D’ARAÚJO; SOARES, 1994: 124). Referindo-se ainda ao comunismo segundo a versão dos militares, o coronel João Paulo Moreira Burnier, que chefiou o Centro de Informações da Aeronáutica (CISA) entre os anos de 1968 e 1970, foi mais além: “Eram criminosos! Estavam preparando a destruição da sociedade brasileira!” (D’ARAÚJO; SOARES, 1994: 185). O que queremos demonstrar, citando a visão desses militares sobre o comunismo, é, especialmente perceber, como a influência dessas idéias está presente nos depoimentos dos moradores do Bico do Papagaio.

O perigo comunista<sup>2</sup> era tão iminente entre os militares que, em 1967, um grupo de oficiais da Aeronáutica fora fazer um curso no Panamá coordenado pelos Estados Unidos e alguns países europeus como a Espanha. O chamado Curso de Gullick reuniu militares de vários países da América Latina e tinha como objetivo combater as idéias marxistas no continente. Como resultado desse curso, foi criado em 1968 o Núcleo do Serviço de Informações e Segurança da Aeronáutica (N-SISA), que, mais tarde em 1970, foi reformulado e passou a se chamar Centro de Informações da Aeronáutica (CISA).

Os militares tinham uma opinião bastante clara e bem definida sobre o papel das esquerdas na sociedade brasileira. Havia, segundo os mesmos, uma ameaça desses grupos de esquerda ao regime militar. Qualquer oposição às idéias dos militares era interpretada enquanto práticas subversivas e comunistas. Por isso, deveriam ser combatidas. Havia a idéia de que era necessário defender o país do avanço do comunismo, criando uma imagem negativa desse sistema. Nesse contexto, afirmou o coronel João Paulo Moreira Burnier:

Tínhamos a convicção de que a ideologia marxista e socialista era impraticável para a vida, para a pessoa humana. O humano não aceita o socialismo, porque é uma doutrina econômica que dá iguais direitos a pessoas diferentes. Uma pessoa trabalha, guarda os seus recursos e consegue melhorar de vida. O outro, trabalhador também, não guarda o que ganhou, torna-se um bêbado, um sem-vergonha, e gasta todo o seu dinheiro. Não vencerá nunca. Vão ter os mesmos direitos? Não. Cada um tem a sua função na sociedade, tem aquilo que merece (D’ARAÚJO; SOARES, 1994: 201).

Assim, através dos militares, especialmente dos soldados e recrutas, essas idéias foram disseminadas pela região do Bico do Papagaio. Inicialmente, os moradores resistiram a essa propaganda, pois o Paulo, o Juca, o Osvaldo, o Ari, a Dina, o Amaury eram seus amigos, os paulistas que muito faziam por aquela população. Já o Exército, pelo contrário, chegou abruptamente maltratando os moradores, espancando e queimando suas roças em busca dos terroristas, subversivos e comunistas que os moradores não conheciam por tais adjetivos. Os próprios militares reconheceram, em vários depoimentos, o erro estratégico de suas duas campanhas contra os paulistas. Tanto que tentaram utilizar as mesmas táticas dos guerrilheiros para conseguir o apoio da população, através da chamada Aciso (Ação Cívico-Social). Referindo-se à atuação dos militares na Guerrilha do Araguaia e à dificuldade inicial de conseguir apoio da população local, o general Ivan de Souza Mendes comentou:

Então eles [os guerrilheiros] se infiltravam, ajudavam, faziam socorro médico, viviam entre aquelas pessoas e tudo mais, e as foram conquistando. Quando começaram as primeiras ações, a população daquela região estava com eles. E era essa população que lhes dava as informações: “Está chegando uma tropa, desembarcaram não sei quantos em tal lugar...” Eles

---

<sup>2</sup> No caso da Guerrilha do Araguaia, esse perigo pode ser observado pelo número exagerado de soldados envolvidos na luta contra os militantes do PC do B. Embora não tenhamos dados oficiais sobre o efetivo de militares que participaram da guerra, achamos conveniente a estatística apresentada por Elio Gaspari, que calculou aproximadamente 5.000 homens das três Forças Armadas e também policiais militares dos Estados palco do conflito, durante as três campanhas militares (2002: 400). Comentando sobre o efetivo durante a guerrilha, o general Viana Moog, em entrevista à revista **Veja**, afirmou: “Foi o maior movimento de tropas do Exército ocorrido na História do país, semelhante à mobilização da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial” (**Veja**, 13 out. 1993: 17). Todos esses soldados, para combater apenas 69 membros do PC do B. Segundo o livro **Direito à memória e à verdade**, o número de guerrilheiros mortos e desaparecidos durante a Guerrilha do Araguaia é 59. O mesmo livro ainda destaca o número de moradores da região mortos desaparecidos – os casos reconhecidos pela CEMDP (Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos) são 5: Lourival Moura Paulino, Antônio Alfredo de Lima, Luiz Vieira, Pedro Matias de Oliveira (Pedro Carretel) e Antônio Araújo Velloso. Segundo a CEMDP, por falta de provas, outros 16 casos de moradores mortos durante a guerrilha foram indeferidos por essa comissão. Ver, **Direito à memória e à verdade**. Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, Brasília, 2007. p. 195-271.

organizaram a população para isso, organizaram direitinho (D'ARAÚJO; SOARES, 1994: 172). (Grifos nossos).

## 2 AS REPRESENTAÇÕES DO COMUNISMO NA MEMÓRIA DOS MORADORES DA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO

As representações dos moradores do Bico do Papagaio dizem respeito “às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real” (CHARTIER, 1990: 17). Ou seja, a partir das lembranças dos moradores, desejamos discutir a forma como estes imaginavam, sentiam e viam os comunistas, especificamente a partir da influência das leituras e da propaganda dos militares. Através das entrevistas, percebemos que essas representações são múltiplas. Algo bastante recorrente são as imagens do comunismo e comunistas relacionadas à violência, à escravidão, ao estrangeirismo, ao banditismo, ao terrorismo e como aquele que faz oposição aos militares. São, assim, sempre classificados como o lado negativo da história.

A imagem dos comunistas como estrangeiros é comum na memória dos moradores da região. Eles são vistos, portanto, como pessoas de fora querendo tomar o país – ponto de vista esse bem presente nas entrevistas realizadas. Essa imagem foi destacada pela senhora Creusa Castro de Aguiar: “Naquele tempo se pensava que era alguém de fora do país, só isso e nada mais, sabe?”<sup>3</sup> Imagem semelhante também foi enfatizada pela senhora Gecília Sabino de Sá, quando se referiu aos comunistas: “Havia de que eles estavam se reunindo para vender o país. Que o país seria invadido por Cuba. Cuba ia tomar conta do Brasil”.<sup>4</sup> Essa mesma imagem também foi utilizada pelo senhor Antônio Almeida dos Santos, morador de Tocantinópolis na época da guerrilha. Segundo suas lembranças, afirmou:

Tenho lembrança que em 1970 começou um clima de evasão, ou seja, **os comunistas querendo invadir a região Norte**. Aí a seguir foi montado um destacamento do Exército, ali, em Porto Franco. E veio uma turma para dar assistência, aqui na cidade de Tocantinópolis, ou seja, **em outras palavras, para combater à evasão daquele povo** e exatamente com isso se misturava diversos políticos e ia descobrindo pessoas que eram envolvidos com o comunismo.<sup>5</sup> (Grifos nossos).

Ora, essas representações construídas pelos moradores refletem o clima de Guerra Fria bastante comum nos anos de 1960 e 1970. E também demonstram a influência da propaganda dos militares, que tacham os denominados paulistas/guerrilheiros de sujeitos vindos “de fora” para tomar o país das mãos dos militares e colocá-lo sob o comando de uma outra nação. Nesse contexto, entra em ação o Exército, destacado por alguns moradores da região como a instituição capaz de “combater a invasão”. Geralmente, os países mais citados nas lembranças dos moradores são Cuba, União Soviética e Vietnã. É interessante perceber, nos depoimentos, que não houve nenhuma referência à China, país de inspiração dos militantes do PC do B.

Outra representação freqüente, nas memórias da população do Bico do Papagaio, é a imagem do comunista enquanto alguém que lutava contra o governo militar. Imagem construída a partir da própria guerra instaurada na região. Foi essa a idéia destacada pelo senhor Raimundo Santos da Rocha (Dêga), quando se referiu aos comunistas:

Eu pensava o seguinte, que aqueles comunistas era ... eu pensava sempre isso aí ... eram pessoas que **tavam levantando uma bandeira contra o governo**. Esse pessoal tão levantando uma bandeira contra o governo, contra a ditadura. E esse governo ditador mandou pegar essas

<sup>3</sup> Entrevista com a senhora Creusa Castro de Aguiar, concedida a este pesquisador em Tocantinópolis – TO, em 24/06/2005. Gravação em fita microcassete e transcrita. Arquivo Pessoal.

<sup>4</sup> Entrevista com a senhora Gecília Sabino de Sá, concedida a este pesquisador em Tocantinópolis – TO, em 24/06/2005. Gravação em fita microcassete e transcrita. Arquivo Pessoal.

<sup>5</sup> Entrevista com o senhor Antônio Almeida dos Santos, concedida a este pesquisador em Tocantinópolis – TO, em 16/06/2005. Gravação em fita microcassete e transcrita. Arquivo Pessoal. É válido observar que o termo “**evasão**”, destacada pelo nosso depoente, significa, conforme o contexto, invasão.

pessoas. Mais eu pensava que era pra prender, pra deixar preso ... tirassem um tempo ... todos eles foi morto.<sup>6</sup> (Grifos nossos).

Imagem semelhante foi descrita pelo senhor Ivaldo Santos Carvalho (Bacalhau). Para ele, os comunistas eram pessoas violentas que lutavam contra o governo. Evidentemente, sua imagem sobre os comunistas foi influenciada pelas representações do próprio Exército, pois o senhor Ivaldo trabalhou como guia dos soldados, na mata, para localizar os terroristas. Por esse motivo, além de conceituar o que na sua visão era o comunismo, ele também justifica a sua atuação junto à tropa – “lutar pela nossa pátria”. Falando sobre os comunistas, disse:

Eu não tinha nem noção, eu pensava que era um grupo de gente que era só pra matar mesmo, né? Função deles era destruir porque pelo que eles falavam pra gente ... a noção da gente era ... era ... era que eles tinha pra destruir. **Eles falavam pra gente que eles tavam aí pra formar um ... um ... um plano pra tomar o Brasil, né?** Então a nossa nois tava ... a nossa função, o nosso direito era lutar pela nossa pátria. Então era isso que a gente ... a gente tava dentro e tinha que se esforçar pra fazer a coisa certa, né?<sup>7</sup> (Grifos nossos).

Na memória de alguns moradores, o comunismo é representado através do tema da escravidão. Tal representação reflete a visão que o liberalismo defendia, em relação às condições de trabalho nos países comunistas, tidas como degradantes. Essa imagem foi lembrada pelo senhor Félix Pereira Leite:

Quando ouvia a palavra comunismo, a gente achava, eu pelo menos achava, na minha experiência, como hoje ainda não tem ... mas eu achava que era assim, uma **sujeição como que aconteceu o cativo, que eu ouvia meus pais contar causos de um cativo**, uma ... uma... como é que se diz ... era uma feitoria de negro, fazenda de negro, aqueles patrão que tinha aquelas fazenda de negro e o senhor tudo ... Então eu pensava que era isso que queria voltar nesse tempo também. Assujeitar.<sup>8</sup> (Grifos nossos).

A representação do senhor Félix Pereira é bastante emblemática, pois sua imagem de comunismo está relacionada a histórias que o pai contava, ou seja, muitas leituras de que parte da população da região dispunha sobre o comunismo vinham de um período anterior à própria guerrilha. Com ela, e especialmente por influência da propaganda realizada pelos militares, essas representações passam a ter um destaque maior nas memórias da população. Outro exemplo que enfoca essas leituras anteriores sobre o comunismo por parte dos moradores da região foi destacado no depoimento da senhora Marfisa Aquino Cunha. Ao se referir ao mesmo, disse: “Comunista, ainda pequena eu ouvia falar em negócio de comunista...eu dizia pronto, é tudo bandido. Era o que eu pensava, mas eu não tinha medo não”.<sup>9</sup> Há, na afirmação de dona Marfisa, dois argumentos que consideramos importantes. O primeiro, a idéia de que comunista “era bandido”, produto de uma longa tradição na história do Brasil (“quando eu era pequena”), na qual a imagem do comunismo foi geralmente apresentada de forma negativa. Segundo, mesmo com toda a propaganda anticomunista realizada pelos militares, os moradores não manifestavam medo exacerbado do comunismo em si nem do que ele representava.

De todas as representações acerca dos comunistas, uma nos chamou bastante a atenção. Talvez seja a mais emblemática, no sentido de observar as leituras de que os moradores dispunham no período anterior à guerrilha. Durante a realização da entrevista com o marido, a senhora Maria da Conceição Oliveira, moradora de Tocantinópolis (TO), ficou quieta e apenas observava a conversa. No entanto, quando se falou em comunismo, ela interveio na conversa e lembrou das narrativas que o seu pai e o seu primeiro esposo contavam sobre esse sistema político. Assim narrou:

---

<sup>6</sup> Entrevista com o senhor Raimundo Santos da Rocha, conhecido como Dêga, concedida a este pesquisador em Xambioá – TO, em 01/07/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.

<sup>7</sup> Entrevista com o senhor Ivaldo Santos Carvalho, conhecido como Bacalhau, concedida a este pesquisador em Xambioá – TO, em 03/07/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.

<sup>8</sup> Entrevista com o senhor Félix Pereira Leite, concedida a este pesquisador em Tocantinópolis – TO, em 01/11/2005. Gravação em fita microcassete e transcrita. Arquivo Pessoal. O termo “**assujeitar**”, utilizado pelo nosso depoente, significa, segundo o contexto de sua narrativa, **sujeitar**, isto é, submeter-se a alguém. Optamos em nossa transcrição, como já enfatizamos, pela forma como cada depoente fala.

<sup>9</sup> Entrevista com a senhora Marfisa Aquino Cunha, concedida a este pesquisador em Xambioá – TO, em 04/07/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.

Porque eu sou mais nova do que meu marido.... Mais eu ouvia ele dizer que o comunismo, eu via ele falando, que ele era do Ceará. Olhe, minha filha, vai ter um tempo que **o comunista vai virar o mundo**. Aí ele falou que o comunismo ... Pai, como é esse comunismo? **Minha filha, o comunista vai ser assim: é fie contra pai, é pai contra fie, não tem muê séria para os outro, vem e toma, não tem filha ... chega o cidadão ... chegar aqui em sua casa, pega suas fia, carrega**. Eu sei que ele disse que era assim o ribulço, meu marido quem dizia. Eu tenho lembrança dessas palavras que ele disse, que o comunista era assim.<sup>10</sup> (Grifos nossos).

Nas imagens presentes nas lembranças de dona Maria da Conceição, o comunismo representava o caos, “o comunista vai virar o mundo”. É, portanto, a desordem das famílias e da sociedade, “é fie contra pai, é pai contra fie”. É um mundo no qual não existe a harmonia, e sim a confusão e a desordem. Representa ainda a destruição da família tradicional, as mulheres transformando-se em propriedade coletiva: “não tem muê, seria para os outro, vem e toma, não tem filha ...” Tais imagens têm uma tradição bastante longa no Brasil, e, nos anos de 1960 e 1970, vêm à tona com uma frequência maior através das releituras feitas pelos militares e, conseqüentemente, repassada para a população.

O senhor Alan de Oliveira Moraes também enfatizou, em seu depoimento, o que ele pensava na época em relação ao comunismo. Segundo ele, as representações negativas acerca desse sistema foram produto da propaganda dos militares, pois a grande maioria da população do Bico do Papagaio não tinha um conhecimento maior sobre comunismo, prevalecendo, então, a versão dos soldados. Daí a imagem de “uma pessoa da pior espécie do mundo”, “sem confiança” e que desejava, após conquistar o povo, “escravizá-lo”. Assim falou:

A gente tinha na mente que era aquilo, era uma pessoa da pior espécie do mundo, uma pessoa que ninguém poderia confiar, entendeu? Que era ... pra nós era um tipo de gente que a gente ... **que o Exército passava pra gente que a gente tinha que temer, eles que eram umas pessoas muito má**. [...] Hoje eu já penso diferente, mas na época eu pensava assim. [...] Queria mais na frente escravizar a população e papapá. Passava por aí, e trabalho forçado e tudo mais.<sup>11</sup> (Grifos nossos).

Algo bastante recorrente nas entrevistas é a comparação entre o tempo da guerrilha e o tempo presente. Geralmente quando os moradores fazem essa comparação, sempre ressaltam as diferenças entre a maneira como se pensava naquela época e a como pensa hoje. É comum encontramos afirmações como a citada pelo senhor Alan de Oliveira Moraes (“hoje eu penso diferente”), especialmente quando perguntávamos sobre as representações acerca do comunismo. Portanto, as imagens sobre a Guerrilha do Araguaia e sobre os comunistas são reelaboradas a partir do presente. São, assim, reelaborações 30 anos depois, enfatizadas através das lembranças dos moradores que presenciaram esse acontecimento. As lembranças são, portanto, reconstruções do passado a partir do presente. Nesse sentido, refletindo sobre essa característica da memória, afirmou Maurice Halbwachs: “A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (1990: 71).

Embora a região do Bico do Papagaio apresentasse um certo isolamento em relação às outras regiões do país, como enfatizamos anteriormente, isso não quer dizer que seus moradores não recebessem informações do que acontecia no Brasil. Evidentemente, boa parte da população vivia nesse período isolada, como os próprios moradores afirmam: “dentro da mata”. Entretanto as populações das pequenas cidades da região, em especial os professores, pessoas ligadas à Igreja Católica, pequenos comerciantes, motoristas e fazendeiros demonstraram, nos seus depoimentos, que tinham um pouco de conhecimento do que estava acontecendo no país naquela época.

Um exemplo disso nos foi relatado pelo senhor Sebastião Gomes da Silva, fazendeiro e, na época da guerrilha, morador de Xambioá (Goiás, hoje Tocantins). O senhor Sebastião em seu depoimento demonstrou uma leitura bastante apurada daquilo que acontecia no mundo e no Brasil nas décadas de 1960 e 1970.

<sup>10</sup> Depoimento da senhora Maria da Conceição, concedido a este pesquisador em Tocantinópolis – TO, em 01/11/2005. Gravação em fita microcassete e transcrita. Arquivo Pessoal.

<sup>11</sup> Entrevista com o senhor Alan de Oliveira Moraes, concedida a este pesquisador em Araguaína – TO, em 30/06/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.

Segundo ele, o mundo conhecia o poderio russo, e o Brasil era governado por Médici. Havia na Rússia o predomínio do Partido Comunista, e lá, conforme a visão do senhor Sebastião, “a maioria das pessoas não tinha direito de possuir uma propriedade, as terras eram da nação, do governo”. E, no Brasil, os membros do PC do B eram considerados pelo governo como “indesejáveis”. Queriam “dar um golpe contra o governo e pedir ajuda de fora”. Para “evitar que isso acontecesse, o governo Médici enviou as forças militares à região para prender e matar os guerrilheiros”. Foi dessa forma que o senhor Sebastião justificou a ação do governo na época.

Quando se referiu aos comunistas, disse:

Bom, a gente não tinha assim uma noção certa, mas o que a gente sabia é que não era boa coisa ... não era boa coisa comunismo. A idéia que a gente tinha e o governo combatendo, né? Então a gente tinha de pensar que era uma coisa terrível o comunismo. A gente não queria. Se o governo não queria, estava combatendo, nós também não ia querer, certo?<sup>12</sup>

A representação destacada por seu Sebastião reflete o clima de desconfiança em relação ao comunismo, clima esse instaurado pelos militares quando implantaram na região, além dos combates armados contra os paulistas e moradores, uma verdadeira guerra psicológica. E, nessa guerra, um dos elementos centrais para convencer os moradores a ficarem do lado dos militares era a propaganda de que os paulistas eram terroristas, aliados do comunismo internacional e que desejavam “tomar a nação”. Essa prática utilizada pelos militares fez com que muitos moradores da região apoiassem as ações do Exército. Em depoimento à pesquisadora Dácia Ibiapina da Silva, o senhor José Francisco de Carvalho (Zé Moroca), morador de Palestina (Pará), ao se referir a essa escolha, afirmou:

Mas, nós falava a favor da polícia, que tava fazendo aquela defesa, né. Ninguém sabia a finalidade e o porquê, então nós falava a favor das autoridades. Por que nós falava das autoridades? Porque as autoridades tá em defesa do ... não é que o comandante se forma, não é para defender o Brasil? A Pátria? Não é? Então, aquilo que nós ouvia, nosso entendimento, é que aquelas pessoas que tavam dentro da mata, tinham se revoltado contra a bandeira, é isso que aplicavam em nossa mente, e é o que nós entendemos naquela época (2002: 189).

É freqüente nas entrevistas imagens dos comunistas como assaltantes de bancos, como alguém que iria se apropriar dos bens dos moradores, sinônimo de terroristas, enganadores e matadores. Tais imagens refletem muito bem a propaganda oficial dos militares sobre os militantes do PC do B. Referindo-se a essas imagens, disse a senhora Maria Oneide Costa e Lima: “Eu pra mim que era as pessoas que eram ruim, que assaltava bancos, que matava, que ... assim sabe? E eles colocava isso na população. O Exército”.<sup>13</sup> Imagens semelhantes foram utilizadas pelo senhor Ludovico Mateus, morador do povoado de Santa Cruz (PA), ao comentar sobre os comunistas: “Aí só falava que era um pessoal destruidor que vinha pra destruir o povo, nós lá que morava lá, entendeu? Primeiro eles amansava e depois ia matar pra tomar as terras. O que eles falava era isso, entendeu?”<sup>14</sup>

A partir das narrativas dos moradores, podemos fazer o seguinte questionamento: a propaganda anticomunista realizada pelos militares atingiu os objetivos esperados? Em sua totalidade, a resposta é não. Isso porque observamos, segundo os depoimentos das pessoas, a dificuldade inicial que os militares tiveram para enquadrar os chamados paulistas dentro das imagens acima destacadas, pois a população os conhecia e não via neles essas características. Daí, portanto, a surpresa dessa população quando os soldados chegavam em busca dos comunistas, terroristas e subversivos que estavam na região para “destruir”, “matar”, “roubar”, “escravizar” aquelas pessoas. Com o tempo e a partir das intimidações aos moradores, os militares conseguiram dividir a população.

Ora, é oportuno ressaltar que, nos depoimentos dos moradores, não houve nenhuma recorrência da imagem de comunista associada ao ateísmo. Imagem comum entre as pessoas comuns, principalmente devido à influência do catolicismo ou do protestantismo. Para o pensamento cristão (católico ou protestante), a filosofia

---

<sup>12</sup> Entrevista com o senhor Sebastião Gomes da Silva, concedida a este pesquisador em Xambioá – TO, em 03/07/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.

<sup>13</sup> Entrevista com a senhora Maria Oneide Costa e Lima, concedida a este pesquisador em São Geraldo do Araguaia – PA, em 05/07/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.

<sup>14</sup> Entrevista com o senhor Ludovico Mateus, concedida a este pesquisador em Xambioá – TO, em 06/07/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.

comunista nega a existência de Deus, propõe a luta de classes em oposição ao amor e à caridade cristã e pretende destruir a instituição familiar. É importante lembrar a atuação da Igreja Católica nos anos de 1960, mais especificamente da chamada ala conservadora, na “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, nas principais capitais do país.<sup>15</sup> Entretanto, no caso da região do Bico do Papagaio, percebemos que essa prática do anticomunismo católico não foi tão forte.

Talvez essa propaganda tenha surtido efeito nas grandes áreas urbanas, mas entre a população da região palco da guerrilha não foi algo determinante para suas representações acerca do comunismo. Uma outra hipótese que levantamos é a própria atuação da Igreja Católica na região.<sup>16</sup> Segundo as narrativas dos moradores, percebemos que na década de 1970 os religiosos desempenhavam um papel bastante expressivo na organização das populações rurais do Bico do Papagaio, como, por exemplo, na organizações de sindicatos e associações. Além disso, os religiosos denunciavam a prática da grilagem de terras e a expulsão dos camponeses das mesmas. Alguns religiosos são inclusive caracterizados e difamados pelos militares enquanto “comunistas de batinas”, como foi o caso do padre Roberto de Valicourt (missionário francês) e da irmã Maria das Graças (de Goiânia), presos e torturados por uma patrulha do Exército.<sup>17</sup>

Alguns moradores demonstraram um certo desconhecimento em relação ao assunto, ou seja, afirmaram não saber o que seria comunismo. Suas justificativas para isso passavam pelas condições da região do Bico do Papagaio, na época, lugar isolado de acesso bastante difícil, com carência de meios de comunicação e de transporte, o que dificultava o acesso às informações do que acontecia no resto do país. Essas dificuldades foram citadas na entrevista com a senhora Neuza Rodrigues Lins:

Naquela época ninguém sabia o que era o PC do B, comunismo, essa coisa. Ninguém tinha acesso a rádio, padre, televisão nem se fala, jornal até hoje não existe aqui em São Geraldo. Em São Geraldo não existe uma banca de jornais, não existe, então só pra ter noção do quanto que as coisas eram difíceis...<sup>18</sup>

O mesmo contexto foi enfatizado pelo senhor Horácio Maranhão, morador de Xambioá. Em seu depoimento, lembrou-se das dificuldades enfrentadas pelos moradores da região nos anos de 1960, as péssimas condições das estradas, o baixo nível de estudos da população e a falta de informação dos moradores. Segundo ele, essas condições contribuíram para o não-conhecimento da população acerca do comunismo. Nesse sentido, afirmou:

Aqui era um bucado de caboclo, ninguém sabia de nada, ninguém tinha cultura pra nada. Eu te digo que sabia porque eu lia algum livro aqui aculá, muito pouco, não era muita coisa não, mas aqui eu não recebia revista, não recebia jornal, não tinha televisão. Como era que a gente sabia disso?<sup>19</sup>

---

<sup>15</sup> A chamada Marcha da Família com Deus pela Liberdade teve o seu ápice em São Paulo no dia 19 de março de 1964. Esta marcha pode ser caracterizada como um apoio da ala conservadora da Igreja Católica aos grupos políticos que faziam oposição ao governo João Goulart (Jango) e ao “perigo” que, segundo esses grupos, o país enfrentava. Para um estudo mais aprofundado da relação entre os setores conservadores do Catolicismo e o Estado, ver ALVES, Márcio Moreira. **A Igreja Católica e a política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

<sup>16</sup> Sobre a atuação da Igreja Católica no Brasil e na região, há o estudo do pesquisador Scott Mainwaring, **A Igreja Católica e a política no Brasil** (1916–1985), no qual o autor destaca o contexto do país na época e o papel da Igreja Católica diante desse contexto. Além disso, discute os embates dentro do clero e da Igreja (conservadores x progressistas). Especificamente para o caso da Igreja Católica no Amazonas, o autor enfatiza o seu caráter progressista e, sobretudo, a atuação dos bispos Dom Estêvão Cardoso (Marabá – PA) e Dom Pedro Casaldáliga (São Félix do Araguaia – MT). Ver, MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil** (1916–1985). Tradução de Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 101-115.

<sup>17</sup> Sobre as acusações ao padre Roberto de Valicourt e à irmã Maria das Graças, e as torturas por eles sofridas, ver entrevista concedida pelo religioso em Marabá (PA) a CAMPOS FILHO, Romualdo Pessoa. **Guerrilha do Araguaia: a esquerda em armas**. Goiânia: Editora da UFG, 1997. p. 113-114.

<sup>18</sup> Entrevista com a senhora Neuza Rodrigues Lins, concedida a este pesquisador em São Geraldo do Araguaia - PA, em 05/07/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.

<sup>19</sup> Entrevista com o senhor Horácio Maranhão, concedida a este pesquisador em Xambioá – TO, em 04/07/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.

Dessa forma, segundo as lembranças dos moradores do Bico do Papagaio, as informações aconteciam a partir do dia-a-dia no contato com os vizinhos, amigos, na igreja através do sermão do padre e por meio do rádio que na época era privilégio de alguns. As informações também eram repassadas pelos próprios paulistas. Vários moradores, especialmente as pessoas que moravam no campo, freqüentavam a casa desses para socializar a vida e receber alguma orientação. Foi dessa forma que o senhor Davi Rodrigues de Souza destacou o relacionamento dos moradores da região com os paulistas:

A convivência é que às vezes a gente ia pra lá mesmo só pra conversar, pra tomar uma orientação, porque a gente lá dentro daquele mato a gente já não era estudado mais, a gente tinha que saber que tinha que saber das coisas ... nem todo dia, mais muitos dia como eu ia ... Eu viajava pra Araguaia, aí chegava lá, aí eu assentava, ia beber café, outra hora almoçava e conversar mais eles.<sup>20</sup>

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, percebemos que as imagens sobre comunismo entre os moradores do Bico do Papagaio se apresentam de forma múltipla. As representações muitas vezes foram influenciadas pela visão dos militares, em outros casos foram imagens elaboradas através de uma tradição anticomunista mais antiga na história de nosso país, e noutros, porém, há um completo desconhecimento sobre o tema. Portanto, nas representações do comunismo pela população da região estão presentes imagens que o identifica como: estrangeiro, violento, escravizador das pessoas, opositor do governo, gente que desejava invadir o país e acabar com a família e a propriedade, dentre outras. Imagens estas elaboradas a partir da década de 1920 e ainda presentes na memória dessa população.

### REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- ALVES, Marcio Moreira. **A Igreja Católica e a política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil** (1964–1984). Petrópolis: Vozes, 1984.
- AMADO, Janaína. A Culpa Nossa de Cada Dia: Ética e História Oral. In: **Ética e História Oral** – Projeto História. Maria A. Antonacci (org.) – Abril/97. São Paulo: PUC-SP, n°. 15.
- BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. **Direito à memória e à verdade**. Brasília, 2007.
- CAMPOS FILHO, Romualdo Pessoa. **Guerrilha do Araguaia** – a esquerda em armas. Goiânia: UFG, 1997.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre Práticas e Representações. Lisboa: Difel, 1990.
- D'ARAÚJO, Maria Celina. SOARES, Gláucio Ary Dillon. CASTRO, Celso (Orgs). **Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- D'ARAÚJO, Maria Celina. SOARES, Gláucio Ary Dillon. CASTRO, Celso (Orgs). **Visões do golpe: a memória militar sobre 1964**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil** (1916–1985). Tradução de Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**. O Anticomunismo no Brasil (1917–1964). São Paulo: Perspectiva, Fapesp, 2002.
- Revista **Veja**. São Paulo: Abril, Edição 1309, Ano 26, n° 41, de 13 out.1993. pp. 16-28.

---

<sup>20</sup> Entrevista com o senhor Davi Rodrigues de Souza, conhecido como “Davi dos Perdidos”, concedida a este pesquisador em São Geraldo do Araguaia – PA, em 05/07/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.